

Acessibilidade de usuários com deficiência visual: análise da audiodescrição em periódicos

Accessibility for visually impaired users: analysis of audiodescription in journals

Accesibilidad para usuarios con discapacidad visual: análisis de la audiodescripción en revistas

Jaqueline Angela Casaes e Silva

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Janicy Aparecida Pereira Rocha

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

ORIGINAL

Resumo

Objetivo. Identificar se e como os periódicos científicos brasileiros da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI), classificados como A no Qualis Capes 2017-2020, adotam a descrição de imagens nos artigos visando à acessibilidade para pessoas com deficiência visual. **Método.** Pesquisa bibliográfica e documental, com abordagem multimétodos. A amostra foi composta por periódicos indexados na Base de Dados em Ciência da Informação e classificados na Plataforma Sucupira. Foram analisadas diretrizes editoriais e descrições de imagens nos artigos da Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, única a recomendar essa prática. **Resultados.** Apenas um periódico recomenda a descrição de imagens, sem diretrizes específicas. As descrições encontradas são insuficientes, com omissão de informações essenciais. **Conclusões.** A falta de padronização evidencia a necessidade de diretrizes claras para garantir a acessibilidade plena ao conteúdo visual, promovendo inclusão e equidade na comunicação científica.

Palavras-chave: acessibilidade, audiodescrição, deficiência visual, periódicos científicos, biblioteconomia

Abstract

Objective. To identify whether and how Brazilian scientific journals in the field of Library and Information Science (LIS), classified as A in Qualis Capes 2017–2020, adopt image descriptions in articles to ensure accessibility for people with visual impairments. **Method.** Bibliographic and documentary research with a multi-method approach. The sample consisted of journals indexed in the Library and Information Science Database and classified in the Sucupira Platform. Editorial guidelines and image descriptions in articles from the *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação* — the only journal recommending this practice — were analyzed. **Results.** Only one journal recommends image descriptions, but without specific guidelines. The analyzed descriptions were insufficient, omitting essential information. **Conclusions.** The lack of standardization highlights the need for clear guidelines to ensure full accessibility to visual content, promoting inclusion and equity in scientific communication.

Keywords: accessibility, audio description, visual impairment, scientific journals, librarianship

Resumen

Objetivo. Identificar si y cómo las revistas científicas brasileñas del área de Bibliotecología y Ciencia de la Información (BCI), clasificadas como A en el Qualis Capes 2017–2020, adoptan la descripción de imágenes en los artículos con el fin de garantizar la accesibilidad para personas con discapacidad visual. **Método.** Investigación bibliográfica y documental, con enfoque multimétodo. La muestra estuvo compuesta por revistas indexadas en la Base de Datos en Ciencia de la Información y

clasificadas en la Plataforma Sucupira. Se analizaron las directrices editoriales y las descripciones de imágenes en los artículos de la *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, única que recomienda esta práctica. **Resultados.** Solo una revista recomienda la descripción de imágenes, pero sin directrices específicas. Las descripciones analizadas fueron insuficientes, omitiendo información esencial. **Conclusiones.** La falta de estandarización evidencia la necesidad de directrices claras para garantizar la accesibilidad plena al contenido visual, promoviendo la inclusión y la equidad en la comunicación científica.

Palabras clave: accesibilidad, audiodescripción, discapacidad visual, revistas científicas, bibliotecología

1 Introdução

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam que, em 2022, a população total do Brasil atingiu aproximadamente 203,1 milhões de pessoas (IBGE, 2022). Desse contingente, 8,9% (18,6 milhões) são indivíduos com dois anos de idade ou mais que possuem algum tipo de deficiência. Segundo a mesma pesquisa, a dificuldade de enxergar, ainda que com auxílios ópticos, afeta 3,1% (6,3 milhões) da população, sendo a segunda dificuldade mais comum, após a deficiência física.

O acesso à educação emerge como uma questão crucial, evidenciada pelos dados da referida pesquisa. Eles revelam uma taxa de analfabetismo consideravelmente elevada, atingindo 19,5%, das pessoas com alguma deficiência, em comparação com 4,1% daquelas sem deficiência. Adicionalmente, apenas 25,6% das pessoas com deficiência relataram ter concluído pelo menos o Ensino Médio; enquanto essa porcentagem é significativamente maior, atingindo 57,3%, para as pessoas sem deficiência (IBGE, 2022). A análise por faixa etária ressalta o aumento das dificuldades de enxergar à medida que a população envelhece, indicando uma demanda crescente por recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual. Essas pessoas enfrentam inúmeras barreiras no cotidiano, incluindo aquelas na comunicação e no acesso à informação, independentemente da faixa etária.

Nesse contexto, a acessibilidade nas publicações digitais destaca-se como um elemento essencial, dado que a democratização do conhecimento demanda a inclusão de todas as pessoas, independentemente de suas limitações físicas, intelectuais ou sensoriais. O acesso à informação em publicações digitais requer recursos de acessibilidade adequados aos diferentes tipos de deficiência. Especificamente, para indivíduos com deficiências intelectual e visual, incluindo baixa visão, cegueira e daltonismo, a descrição de imagens emerge como um recurso indispensável. Se para as pessoas cuja função visual está preservada, a descrição facilita a compreensão do conteúdo visual; para aqueles que não enxergam, ela desempenha um papel crucial no acesso ao conteúdo, uma vez que os *softwares* leitores de tela não interpretam elementos gráficos, reconhecendo apenas textos. Já para as pessoas com deficiência intelectual ou com outros transtornos que dificultam a compreensão de imagens, a descrição é uma modalidade de tradução intersemiótica capaz de ampliar o entendimento (Motta & Romeu, 2010). Nesse cenário, a incorporação de descrições textuais nas imagens dos artigos científicos publicados em periódicos assume papel fundamental, visando garantir acesso equitativo às informações por pessoas com deficiências.

Apesar dos progressos observados na promoção da acessibilidade em diversos contextos, parece haver uma importante lacuna quanto à inclusão de descrições de imagens em artigos veiculados em periódicos científicos digitais, abrangendo diversas áreas do conhecimento. A aparente ausência de exigências e de orientações claras sobre como realizar a descrição de imagens em artigos científicos contribui para que muitos autores sigam alheios à prática, resultando em limitações na acessibilidade desses conteúdos para pessoas com deficiência. Esse cenário contribui para que a difusão do conhecimento científico seja menos acessível e inclusiva. Em algumas instâncias, deparamo-nos com periódicos digitais que recomendam a NBR 6022/2018, dedicada aos artigos em publicações periódicas científicas impressas, para guiar a apresentação de imagens (ABNT, 2018). Entretanto, a abordagem sucinta preconizada por essa norma pode revelar-se insuficiente para transmitir o conteúdo de imagens a leitores que não podem enxergá-las ou compreendê-las. Esta provável lacuna na implementação de práticas adequadas de descrição de imagens motivou a escolha da temática desta pesquisa, visando contribuir para o aprimoramento da acessibilidade e da inclusão no âmbito dos periódicos científicos digitais.

Questiona-se, portanto: os periódicos científicos brasileiros da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) recomendam a descrição das imagens presentes nos artigos neles publicados? Em caso positivo, como isso é feito? Para responder a essas questões, este artigo objetiva identificar se e como os periódicos científicos

brasileiros da área de BCI – com o recorte naqueles classificados como A no Qualis Capes¹ 2017- 2020 – estão adotando a descrição de imagens nos artigos que publicam visando à acessibilidade para pessoas com deficiência visual.

Assim, este artigo destaca uma problemática comum tanto na produção quanto na difusão do conhecimento científico, onde a atenção muitas vezes se volta predominantemente para o texto, considerando as imagens apenas como complementos visuais. No entanto, as imagens também transmitem informações que devem estar acessíveis para todas as pessoas. Dessa forma, buscamos sensibilizar para a complexidade intrínseca das imagens que ficam inacessíveis para pessoas com deficiência visual quando suas descrições são negligenciadas ou inexistentes. Em um artigo, as imagens que não possuem descrição textual não têm seu conteúdo explicitado pelo *software* leitor de telas. Ele anunciará para o seu usuário a presença da imagem, mas o acesso se restringirá à leitura do título e da legenda da imagem, ambos frequentemente incapazes de abarcar a complexidade visual dessas representações.

2 Acessibilidade e audiodescrição: princípios, legislação e práticas

A acessibilidade possui uma abordagem multidimensional e interdisciplinar, que visa à eliminação de diversas barreiras, com o objetivo de permitir a participação plena de todos os indivíduos, independentemente de suas capacidades funcionais ou limitações. Conforme Assunção (2023), seu princípio fundamental é direcionado à concepção e implementação de ambientes, produtos, serviços e informações que sejam facilmente acessíveis e utilizáveis por pessoas com diferentes níveis de mobilidade, percepção, cognição e audição. A acessibilidade abrange várias esferas da vida, desde a arquitetura de espaços físicos até os recursos digitais acessíveis. Silva e Rue (2005, p. 323) afirmam que “a acessibilidade no espaço digital consiste em tornar disponível ao usuário, de forma autônoma e independente de suas características, toda a informação que lhe for franqueável, sem prejuízos quanto ao conteúdo da informação”. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2012) fundamenta a acessibilidade nos direitos humanos, visando garantir que todas as pessoas tenham igualdade de oportunidades e possam desfrutar plenamente dos benefícios da sociedade.

Portanto, a acessibilidade, além de promover a inclusão de pessoas com deficiências, enriquece a experiência de toda a sociedade e contribui para a construção de um mundo mais justo, onde a igualdade de acesso e oportunidades seria uma realidade incontestável. A acessibilidade é definida como a possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privado, de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida (Brasil, 2015, Art. 3).

No Brasil, a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão (LBI) da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), foi promulgada para assegurar a inclusão e a igualdade de oportunidades para as pessoas com deficiência (Brasil, 2015). Esta é a legislação mais abrangente sobre acessibilidade no país, estabelecendo diretrizes para a inclusão e acessibilidade em diversos aspectos da vida social, econômica e cultural. Ela aborda questões como acessibilidade física e digital e garante direitos a pessoas com deficiência em áreas como educação, trabalho e transporte. A legislação brasileira estabelece várias normas para garantir a acessibilidade para pessoas com deficiência. O capítulo II, art. 63 exige que telecentros e *lan houses* disponibilizem pelo menos 10% de seus computadores com recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual e obriga a acessibilidade nas páginas da *internet* mantidas por empresas e órgãos governamentais (Brasil, 2015). O art. 67 determina que serviços de radiodifusão incluam subtítuloção oculta, janela com intérprete de Libras e audiodescrição. O art. 68 obriga o poder público a incentivar a produção e comercialização de livros em formatos acessíveis, incluindo cláusulas em editais de compra que impeçam a participação de editoras que não ofereçam tais formatos. Esse artigo também define formatos acessíveis como arquivos digitais compatíveis com recursos de Tecnologia Assistiva e apoia a produção de artigos científicos

¹ Qualis Periódicos é um instrumento conduzido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) utilizado para classificar e qualificar periódicos com base na produção intelectual publicada. A classificação vai de A1 (mais alto) a C (sem peso), com o objetivo de avaliar os programas de pós-graduação e o mérito das pesquisas. A avaliação é conduzida por comitês de consultores de diversas áreas, seguindo critérios aprovados pelo Conselho Técnico-Científico da Educação Superior (Capes, 2023).

acessíveis. O art. 68 impõe que o poder público deve implementar estratégias para a produção e comercialização de livros em formatos acessíveis, garantindo o direito de acesso à leitura, informação e comunicação. Por fim, o art. 147-A, § 1º, exige que materiais didáticos audiovisuais em cursos sejam acessíveis, com subtítulo oculta e tradução simultânea em Libras (Brasil, 2015).

A LBI também apresenta o conceito de barreiras como qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa. Na mesma lei, as barreiras são classificadas em seis tipos: urbanísticas, arquitetônicas, nos transportes, nas comunicações e na informação, atitudinais e tecnológicas. Estas três últimas se relacionam diretamente com a questão abordada pela presente pesquisa. Barreiras nas comunicações e na informação dificultam a expressão ou o recebimento de mensagens e informações. Barreiras atitudinais referem-se a comportamentos ou atitudes que obstruem a participação social das pessoas com deficiência. Barreiras tecnológicas impedem ou dificultam a interação de pessoas com deficiência com dispositivos, sistemas e tecnologias digitais devido à falta de adaptações adequadas (Brasil, 2015, Art. 3).

Para pessoas com deficiência visual, as barreiras vão além das arquitetônicas e incluem desafios significativos no acesso à informação e comunicação. Essas barreiras não se restringem apenas a aspectos estruturais, como a ausência de rampas ou sinais táteis, mas também abrangem questões digitais, a falta de materiais em formatos acessíveis e a ausência de adaptações necessárias para garantir a inclusão. Barreiras atitudinais podem resultar na propagação de outros tipos de barreiras como, por exemplo, serviços e recursos informacionais que não consideram as particularidades de acesso, sejam elas físicas, intelectuais ou sensoriais e, por isso, obstaculizam a igualdade de oportunidades para acesso e uso por pessoas com deficiência.

De acordo com Leme (2003), a deficiência visual é definida pela perda substancial ou total da capacidade de enxergar, que não pode ser corrigida com o uso de auxiliares ópticos, como óculos ou lentes de contato, para alcançar um nível de acuidade visual considerado normal. Essa condição varia em severidade, desde deficiências leves até cegueira total. A deficiência visual pode ser classificada como periférica, quando resulta de alterações nos olhos ou nas vias ópticas que transmitem o estímulo visual ao cérebro, ou central, quando tem origem nas alterações na visão que ocorrem diretamente no cérebro (Leme, 2003).

Pessoas com deficiência visual enfrentam vários desafios para acessar informações, e é crucial buscar maneiras de superar essas barreiras. Segundo Silva et al. (2005), os livros são recursos essenciais para aprendizado e entretenimento, mas o acesso a eles e a artigos pode ser complicado. Essas pessoas frequentemente dependem de leitura em *braille*, feita por leitores humanos, ou por *softwares* leitores de tela. A falta de descrições precisas de imagens torna a mensagem incompleta, pois os leitores de tela não conseguem acessar as imagens, que complementam e contextualizam o texto. A descrição de imagens é fundamental, tanto em formatos impressos, para serem lidas em *braille* ou por leitores humanos, quanto nos digitais, para serem lidas por leitores de tela.

Rocha (2021) destaca quatro requisitos para tornar o conteúdo digital mais acessível. Primeiro, é necessário fornecer alternativas não visuais para elementos gráficos e imagens. Segundo, deve-se usar fontes legíveis, evitar fontes decorativas e caixas de texto extensas, e adotar estilos de título para facilitar a leitura por leitores de tela. O terceiro requisito é garantir o uso adequado de quebras de página e notas de rodapé. Por fim, é importante manter a formatação ao converter documentos para outros formatos para assegurar a acessibilidade do conteúdo. Logo, a descrição de imagens, embora fundamental, não é o único recurso de acessibilidade necessário para que os artigos científicos possam ser acessíveis para pessoas com deficiência. A presença deles melhora a interação com recursos de Tecnologia Assistiva e facilita o acesso à informação.

Bersch (2017) define Tecnologia Assistiva como um campo do conhecimento destinado a melhorar a qualidade de vida e promover a autonomia de pessoas com deficiências, oferecendo soluções que superem barreiras de acessibilidade. Essas tecnologias incluem uma variedade de dispositivos, *softwares* e sistemas desenvolvidos para atender às necessidades individuais de pessoas com deficiência, auxiliando na realização de tarefas diárias, ampliando habilidades funcionais e facilitando a interação com o ambiente (Bersch, 2017).

O conceito de Tecnologia Assistiva está ligado aos princípios do *Design Universal*, que busca criar produtos, ambientes e serviços utilizáveis por todos, independentemente de habilidades ou características individuais (Oliveira et al, 2013). Os sete princípios do *Design Universal* incluem: garantir igualdade de uso, ser flexível para diferentes preferências, ser fácil de usar, comunicar informações claramente, reduzir riscos de acidentes, minimizar esforço necessário e assegurar acessibilidade em espaços para todos, independentemente de tamanho ou altura. Esses princípios promovem a inclusão de todos (Feitosa & Righi, 2016). A verdadeira inclusão será alcançada quando as barreiras de acessibilidade forem erradicadas e os princípios do *Design Universal* adotados, permitindo que todos tenham acesso aos recursos, serviços e espaços de maneira equitativa. Segundo Sassaki

(2009), a inclusão deve ser compreendida como um processo contínuo, no qual os sistemas sociais são configurados de modo a atender a todos, independentemente de características individuais.

Bersch (2017) classifica a Tecnologia Assistiva em várias categorias relevantes para a pesquisa. Destacam-se: recursos de acessibilidade ao computador, que incluem *hardware* e *software* projetados para usuários com limitações sensoriais, cognitivas e motoras, e auxílios para ampliação da função visual, que convertem conteúdos visuais em áudio ou informações táteis para pessoas com visão reduzida ou cegueira. Exemplos incluem leitores de tela, *braille* e a audiodescrição, que oferece descrições verbais de imagens estáticas e dinâmicas. A descrição de imagens, foco desta pesquisa, fornece informações textuais sobre imagens estáticas e é conhecida como texto alternativo em ambientes digitais, enquanto o termo audiodescrição é amplamente usado em filmes e programas de TV para descrever cenas visuais importantes, facilitando a compreensão para pessoas com deficiência visual (Bersch, 2017).

Corrêa (2021) define a imagem como a representação de algo ou alguém por meio de formas artísticas, como pinturas e fotografias, e identifica três modos de serviço da imagem: simbólico, epistêmico e estético. No modo simbólico, as imagens atuam como símbolos religiosos, representando o sagrado, valores sociais e políticos. No modo epistêmico, as imagens fornecem informações sobre o mundo, facilitando o seu entendimento, como mapas e cartões postais. No modo estético, as imagens são criadas para agradar e oferecer sensações específicas aos espectadores. O *World Wide Web Consortium* (W3C), que se dedica a promover a acessibilidade na web para pessoas com deficiência, criou em 1997 a *Web Accessibility Initiative* (WAI), responsável pela criação de diretrizes, técnicas e recursos que ajudam a tornar o conteúdo *web* mais acessível. Entre suas contribuições mais conhecidas estão as *Web Content Accessibility Guidelines* (WCAG), que fornecem um padrão internacional para a acessibilidade de conteúdo *web*. Além disso, a WAI promove a conscientização sobre a importância da acessibilidade e trabalha para garantir que as tecnologias da web sejam inclusivas. É atribuído pela WAI o termo "imagens complexas" que:

[...] contêm informações substanciais – mais do que pode ser transmitido em uma frase ou sentença curta. Elas são tipicamente: gráficos e tabelas, incluindo fluxogramas e organogramas; diagramas e ilustrações onde o texto da página depende da capacidade do usuário de entender a imagem; mapas mostrando locais ou outras informações, como sistemas climáticos.

Nesses casos, é necessária uma alternativa de texto de duas partes. A primeira parte é a descrição curta para identificar a imagem e, quando apropriado, indicar a localização da descrição longa. A segunda parte é a descrição longa – uma representação textual das informações essenciais transmitidas pela imagem. Os exemplos a seguir mostram diferentes abordagens que podem ser usadas para fornecer essas descrições curtas e longas (W3C WAI, 2022).

De acordo com a NBR 6022/2018, uma ilustração é definida como qualquer desenho, gravura ou imagem que acompanha um texto (ABNT, 2018). Já Ribeiro (2011) conceitua a imagem como uma representação do discurso visual, expressa por meio de diversas configurações gráficas, digitais, plásticas ou fotográficas, que serve como suporte para a troca de informações. A inclusão de imagens em textos facilita a compreensão da informação e é uma prática comum em livros, periódicos e documentos digitais, contribuindo para a estruturação e compartilhamento do conhecimento (Vergara-Nunes, 2016). Porém para pessoas com deficiência visual, as imagens, independentemente do formato, muitas vezes se resumem a legendas ou títulos, não conseguindo transmitir completamente suas informações. Uma TA que auxilia no processo de transmissão da informação é a audiodescrição. Ribeiro (2011) define a audiodescrição como uma prática de acessibilidade que converte imagens dinâmicas ou estáticas em descrições verbais para melhorar a compreensão de conteúdos visuais por pessoas com deficiência visual. Essa técnica traduz imagens em narrativas auditivas, sendo amplamente utilizada em audiovisuais como filmes e programas de TV. Além disso, a NBR 16452/2016 estabelece que publicações digitais devem incluir audiodescrição de imagens, tabelas, gráficos e outros elementos visuais (ABNT, 2016, p. 10). Para Nascimento (2017), a audiodescrição deve focar na descrição objetiva da imagem, sem inferências ou análises, permitindo que o indivíduo tire suas próprias conclusões. É importante entender o material e seu papel no texto antes de descrever, garantindo especificidade e inclusão de detalhes relevantes. Ribeiro (2011) complementa que a tradução da imagem em texto deve ser feita em frases coerentes e organizadas, com terminologia adequada ao campo de estudo, evitando sobrecarregar a descrição com elementos desnecessários. A descrição deve seguir uma ordem lógica: do geral para o específico, da esquerda para a direita, de cima para baixo, focando no essencial.

Segundo o Centro Tecnológico de Acessibilidade (CTA) do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS, 2020), a descrição de uma imagem deve começar com uma análise contextual para entender a integração da imagem

no texto e determinar o que deve ser incluído na descrição. A descrição deve focar no conteúdo essencial da imagem, evitando detalhes excessivos, embora em alguns contextos específicos, detalhes adicionais possam ser necessários. O IFRS (2020) também recomenda evitar redundâncias, especialmente se as informações já foram abordadas no texto. É aconselhado não iniciar a descrição com "imagem de...", pois leitores de tela já identificam que se trata de uma imagem, porém é importante assinalar o tipo específico da imagem (gráfico, fluxograma, fotografia etc.). A descrição deve considerar se a imagem tem um conteúdo relevante ou se é meramente decorativa; se for decorativa, é preferível não incluí-la na descrição para evitar sobrecarregar o leitor com informações desnecessárias. Além disso, é fundamental usar pontuação e acentuação adequadas e evitar a repetição do texto da legenda na descrição, uma vez que leitores de tela já capturam ambas as informações.

A descrição textual de imagens em documentos digitais pode ser feita de duas maneiras: através da caixa de texto alternativo (*alt text*), que é invisível para leitores videntes e acessível por leitores de tela, e pela descrição contextual, que é visível e incorporada diretamente no texto. Esta pesquisa defende a descrição contextual, pois sua visibilidade torna o recurso de acessibilidade mais perceptível e pode estimular a adoção mais ampla dessa prática, aumentando a conscientização sobre acessibilidade.

A acessibilidade dos artigos científicos é vital devido ao seu conteúdo e influência na comunidade científica. Artigos comunicam resultados de pesquisas, revisões de literatura, metodologias e considerações sobre diversas áreas de estudo, promovendo o desenvolvimento acadêmico, o pensamento crítico, novas ideias e a atualização do conhecimento. Através dos periódicos é feita a difusão do conhecimento científico ao público; a preservação da história da pesquisa, o reconhecimento dos pesquisadores e a autenticação da autoria das descobertas (Rodrigues et al., 2015). A informação é crucial para a criação do conhecimento, mas somente aquilo que é efetivamente produzido e incorporado à memória coletiva é considerado conhecimento (Targino, 2007). O processo de aquisição e geração de conhecimento é contínuo e dinâmico, com a informação servindo tanto como insumo quanto como produto (Rosa & Barros, 2018). Quando os periódicos incorporam diretrizes de acessibilidade e Tecnologia Assistiva, eles não apenas beneficiam um espectro mais amplo de usuários, mas também promovem melhorias nas normas e leis, destacando a acessibilidade como um princípio ético e social.

3 Percurso metodológico

A presente pesquisa se caracteriza como básica quanto à natureza; multimétodos quanto à abordagem do problema; exploratória e descritiva quanto aos objetivos; bibliográfica e documental quanto aos procedimentos técnicos (Prodanov & Freitas, 2013). A pesquisa bibliográfica, conduzida entre agosto e outubro de 2023, subsidiou a elaboração do referencial teórico, considerando como termos de busca: acessibilidade, deficiência visual, descrição de imagem, audiodescrição, periódico científico e artigo científico. Os termos de busca foram combinados por operadores booleanos, tendo as sintaxes adaptadas às bases de dados consultadas: Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci), Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e Google Acadêmico. A pesquisa documental foi conduzida, no mesmo período, no Portal da Legislação do governo brasileiro, contemplou a identificação do arcabouço legal sobre a temática. Ainda, contemplou o levantamento dos periódicos e políticas a serem analisadas. Para tanto, estabelecemos como recorte inicial os periódicos indexados pela BRAPCI à época do levantamento, considerando o interesse em analisar periódicos brasileiros da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI). Como segundo recorte, foi consultada a Plataforma Sucupira² para identificar quais dos periódicos então indexados pela BRAPCI obtiveram o estrato Qualis A no quadriênio 2017-2020, sendo estes os contemplados pela pesquisa.

Assim, dos 64 periódicos indexados à época pela BRAPCI, 49 eram da área de BCI. Destes, 19 não possuíam avaliação no Qualis Capes 2017-2020. A classificação dos 30 periódicos restantes subdividia-se em sete estratos do Qualis Capes, a saber: A1, A2, A3, A4, B1, B2, B3; não havendo periódicos nos estratos B4 e C. Como segundo recorte, com vistas à exequibilidade da pesquisa, elegemos para análise os 13 periódicos classificados nos estratos A1, A2, A3 e A4 (Tabela 1).

² Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/index.jsf>.

Tabela 1

Periódicos indexados pela BRAPCI, na área de BCI, com estrato Qualis A no quadriênio 2017-2020

PERIÓDICO	ÁREA	ESTRATO QUALIS CAPES 2017-2020
AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento	Ciência da Informação	A4
Brazilian Journal of Information Science	Ciência da Informação	A4
Ciência da Informação	Ciência da Informação	A4
Em Questão	Biblioteconomia	A2
Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação	Biblioteconomia e Ciência da Informação	A2
Informação & Informação	Biblioteconomia e Ciência da Informação	A2
Informação & Sociedade: Estudos	Biblioteconomia e Ciência da Informação	A2
Liinc em revista	Ciência da Informação	A3
Perspectivas em Ciência da Informação	Ciência da Informação	A2
RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação	Ciência da Informação	A3
Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	Biblioteconomia e Ciência da Informação	A4
Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	Biblioteconomia	A3
Transinformação	Biblioteconomia e Ciência da Informação	A1

Nota. Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

Nesses 13 periódicos foram analisadas as diretrizes de publicação, as diretrizes para autores e os *templates* de artigos, quando disponíveis, em busca de menções à descrição das imagens na submissão de artigos ou em outro momento do fluxo editorial. Estas análises revelaram a ausência de menções ou recomendações explícitas sobre o assunto. A única exceção foi a Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBBBD)³ que, embora não faça referência à descrição de imagens nas diretrizes para autores, inclui essa recomendação no *template* disponibilizado. Apesar disso, a RBBBD não estabelece diretrizes específicas para esse fim e delega a responsabilidade aos autores, oferecendo apenas orientações gerais - descrição de componentes, identificação de cores, detalhamento de formatos, traços e outros elementos considerados relevantes pelos autores com o intuito de facilitar a compreensão por parte de indivíduos com deficiência visual. Em virtude disso, elegemos as descrições de imagens nos artigos publicados pela RBBBD como objeto da segunda etapa desta pesquisa.

A RBBBD adotou o formato de publicação contínua em seu volume 16, no ano de 2020. Para a análise, direcionamos nosso foco para as publicações contínuas a partir desse ano, excluindo dossiês de eventos, já que eventos geralmente não orientam a descrição de imagens como a revista em questão faz. Nesse contexto, consideramos os volumes: 16 (2020), 17 (2021), 18 (2022) e 19 (2023). As descrições de imagens são examinadas de acordo com uma lista de checagem elaborada a partir das diretrizes para descrição de imagens e imagens complexas estabelecidas pelo IFRS (2020) uma das poucas existentes para esse fim e bastante didática. A lista de checagem consta na Tabela 2, na seção de "Resultados". A escolha dos artigos/imagens foi intencional, contemplando um exemplo de cada volume, visando ilustrar o argumento central da pesquisa – a importância da descrição de imagens feita de forma criteriosa. No entanto, para fins de representatividade foram selecionadas imagens com diferentes características e níveis de complexidade.

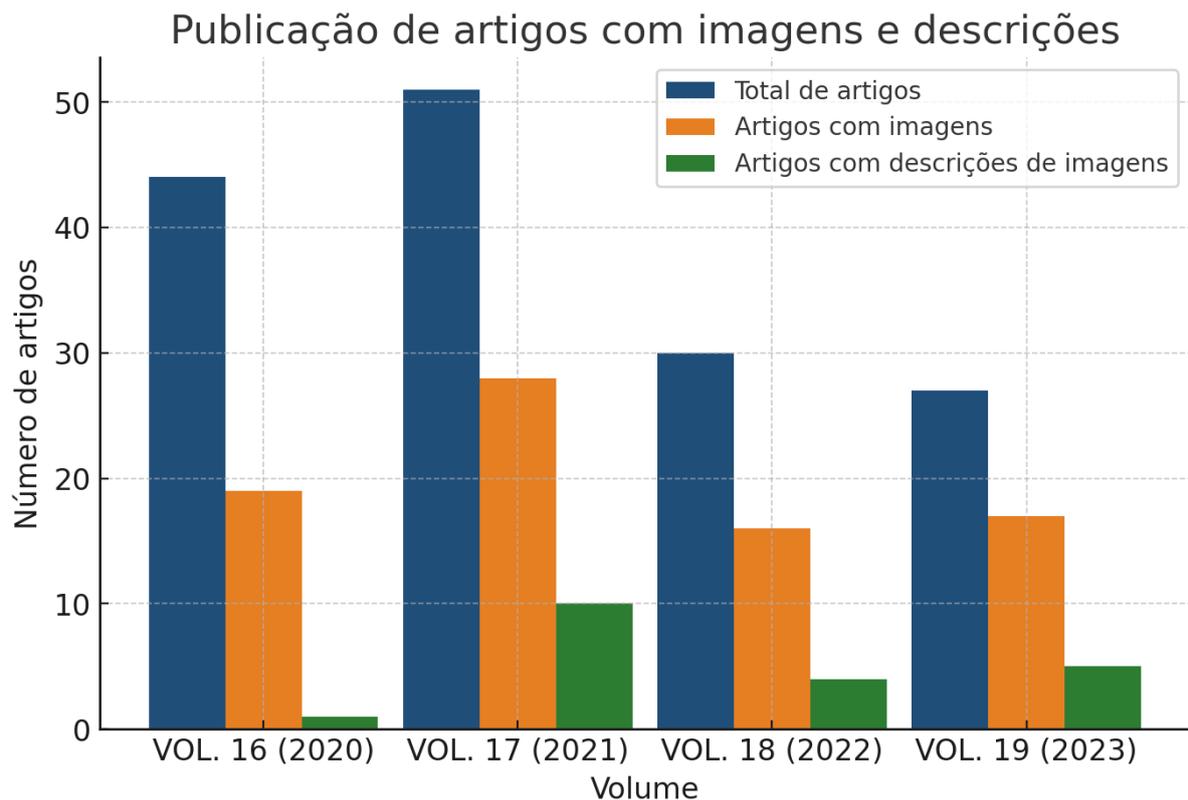
³ Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd>.

4 Resultados

O primeiro movimento de análise objetivou identificar, quantitativamente, a relação entre artigos publicados nos quatro volumes, artigos que possuem imagens e artigos cujas imagens possuem descrição associada. Juntos, os quatro volumes totalizam 152 artigos publicados. Dentre eles, 80 incorporam imagens e, destes, apenas 20 possuem descrições em suas imagens, conforme Figura 1. Logo do total de artigos publicados nos quatro volumes, apenas cerca de 13% possuem imagens às quais há descrições textuais associadas, o que indica que boa parte dos autores não tem acatado as recomendações constantes no *template* do periódico e, ainda assim, os artigos são aceitos e publicados. Diante disso, inferimos que, apesar de recomendada, a descrição de imagens não é obrigatória no referido periódico. O fato de a menção a ela não constar nas diretrizes para autores pode contribuir para que seja interpretada pelos potenciais autores apenas como uma prática facultativa. Destacamos, portanto, a necessidade de os periódicos incluírem, em suas diretrizes para autores a descrição de imagens como condição para submissão ou, alternativamente, sua inclusão em alguma etapa do fluxo editorial. Conforme a LBI (Brasil, 2015), as barreiras nas comunicações e na informação limitam o acesso e a compreensão de conteúdos. Ao não adotar essa prática nos artigos, a difusão do conhecimento científico torna-se menos acessível para os leitores que necessitam de descrições de imagens.

Figura 1

Análise comparativa dos artigos publicados nos quatro volumes da RBBB



Nota. Fonte: Elaborado pelas autoras baseado na RBBB (2020; 2021; 2022; 2023). *[Descrição da imagem]* Gráfico de barras verticais nas cores azul para o total de artigos em cada volume; alaranjada para o total de artigos com imagens; e verde para o total de artigos cujas imagens possuem descrições. Essa legenda está na parte superior do gráfico, cujo fundo é branco e as letras são pretas. O eixo X representa os volumes do periódico e o eixo Y representa a quantidade de artigos. Da esquerda para direita, apresentam-se os seguintes dados: Volume 16 (2020), total de artigos: 44, artigos com imagens: 19 e artigos com descrição de imagens: 1; Volume 17 (2021) total de artigos: 51, artigos com imagens: 28 e artigos com descrição de imagens: 10; Volume 18 (2022) total de artigos: 30, artigos com imagens: 16 e artigos com descrição de imagens: 4; Volume 19 (2023) total de artigos: 27, artigos com imagens: 17 e artigos com descrição de imagens: 5. *[Fim da descrição]*.

No entanto, salientamos que apenas a presença de uma descrição associada a uma imagem não garante sua acessibilidade. A descrição deve ser criteriosa, abrangendo todos os elementos gráficos necessários para a compreensão da informação transmitida pela imagem. Portanto, ela deve seguir diretrizes detalhadas, que assegurem a inclusão de informações relevantes e de elementos contextuais, bem como uma redação simples e objetiva. Assim, em um segundo momento, analisamos qualitativamente amostras de descrições presentes em um artigo de cada volume selecionado da RBBB com o intuito de compreender se tais descrições cumprem o propósito de tornar as informações visuais acessíveis para quem não pode enxergá-las.

No Quadro 2 são sintetizadas a lista de checagem elaborada a partir das diretrizes para descrição de imagens e imagens complexas (IFRS, 2020); os artigos cujas imagens foram analisadas (um gráfico de um artigo do Volume 17 e três imagens de três artigos pertencentes aos Volumes 16, 18 e 19) e as respostas a cada item da lista de checagem. Gráficos são considerados como imagens complexas e, portanto, suas descrições são inspecionadas a partir de um conjunto de itens diferentes daqueles definidos para outras tipologias de imagens consideradas simples.

Quadro 1

Análise dos artigos através das recomendações para audiodescrição de imagens

	RECOMENDAÇÃO	Vol. 16 - Artigo: “Por uma BU acessível [...]”	Vol. 17 - Artigo: “Evasão discente no ensino superior [...]”	Vol. 18 - Artigo: “Práticas inovadoras e tendências [...]”	Vol. 19 - Artigo: “Representação em SKOS da categoria [...]”
IMAGENS	Todos os elementos visuais essenciais da imagem foram identificados e descritos adequadamente?	Sim	Não se aplica	Não	Não
	A descrição é sucinta, mas abrangente, proporcionando uma compreensão clara dos elementos presentes?	Sim	Não se aplica	Não	Não
	Se a imagem possuir texto, ele está descrito de forma completa?	Sim	Não se aplica	Sim	Não
	Todas as frases na descrição da imagem utilizam pontuação e acentuação adequadas?	Sim	Não se aplica	Sim	Sim
	Evitou-se repetir o texto da legenda na descrição da imagem, considerando que ambos são captados por leitores de tela?	Sim	Não se aplica	Sim	Sim
	Todas as cores utilizadas na imagem foram identificadas e mencionadas?	Sim	Não se aplica	Não	Sim
	Formatos específicos, traços distintivos ou outros elementos relevantes foram detalhadamente descritos?	Sim	Não se aplica	Sim	Não
	A descrição destes elementos visa facilitar a compreensão por parte de indivíduos com deficiência visual?	Sim	Não se aplica	Sim	Não
	A descrição é clara e facilmente compreendida, evitando ambiguidades?	Sim	Não se aplica	Não	Não
	A informação é apresentada de maneira concisa, sem excessos desnecessários?	Sim	Não se aplica	Sim	Não
Caso seja relevante, a descrição inclui informações contextuais que ajudem na compreensão da imagem?	Sim	Não se aplica	Sim	Não	
IMAGENS COMPLEXAS	A descrição do gráfico ou infográfico foi integrada de maneira adequada no texto, proporcionando uma compreensão fluida?	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
	A legenda do gráfico ou infográfico, se existente, fornece informações essenciais para compreensão sem depender da imagem?	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
	Se a descrição é fornecida em uma página separada, o link para essa página é acessível e claramente indicado?	Não se aplica	Descrição abaixo do gráfico	Não se aplica	Não se aplica
	A descrição visual é clara e concisa, destacando os principais padrões, tendências ou informações relevantes?	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
	Elementos específicos, como pontos de dados, linhas ou setores, são identificados e descritos detalhadamente?	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
	A descrição é suficientemente detalhada, sem tornar-se excessivamente longa e cansativa para o usuário?	Não se aplica	Não	Não se aplica	Não se aplica
	Há uma descrição das cores do gráfico?	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica
Formatos específicos, traços distintivos ou outros elementos relevantes foram detalhadamente descritos?	Não se aplica	Sim	Não se aplica	Não se aplica	

Nota. Fonte: Elaborado pelas autoras baseado em IFRS (2020) e nos dados da pesquisa.

A amostra selecionada do Volume 16 foi uma imagem retirada do artigo intitulado: “Por uma BU acessível: experiências para implementação da acessibilidade em uma biblioteca universitária” (Pereira et al., 2020), o único cujas imagens estavam descritas. Conforme o Quadro 2, a descrição da imagem selecionada atende a cada um dos itens da lista de checagem. Na Figura 2 apresentamos uma captura de tela da referida imagem e, na Figura 3, a captura de tela da descrição a ela atribuída pelas autoras do artigo em questão.

Figura 2

Imagem presente no artigo “Por uma BU acessível [...]”

Florianópolis, 04 de setembro de 2019.
Edição 119

[View this email in your browser](#)



Por uma BU Acessível

Tornar a BU acessível significa promover a acessibilidade em todos os ambientes e plataformas da biblioteca. Por isso a seção estreia com um pedido especial para toda a equipe da BU: ao encaminharem suas fotos para publicação no nosso boletim Quais são as Novas façam uma descrição da imagem. Aqui vão algumas dicas de descrição de imagens a serem utilizadas em espaços alternativos sem a necessidade de um rigor técnico:

- Inicie com a hashtag #ParaTodosVerem.
- Em seguida, informe que tipo de imagem está descrevendo. Ex: É uma fotografia? Uma pintura? Uma charge? Um convite?
- A partir da imagem, responda as perguntas: o quê, quem, onde e como? E organize as respostas para que o texto e o entendimento fiquem claros.
- Você pode descrever as características físicas das pessoas, roupas, as cores, as ações, os objetos, as paisagens. Porém, evite julgamentos e opiniões, como por exemplo: escrever se a pessoa é feia, ou que a pintura está mal feita.
- Procure organizar a descrição da esquerda para direita e de cima para baixo, se perceber que esta dica não favorece o entendimento de determinada imagem, não use. O mais importante é que a explicação fique clara e o essencial da imagem não se perca.

Contamos com a colaboração de todos Por uma BU Acessível!

Nota. Fonte: Pereira et al. (2020). [Descrição da imagem] Figura 1 presente no artigo de Pereira et al. (2020), publicado no Volume 16 da RBBB. Intitulada “Identidade visual do boletim interno ‘Quais são as Novas?’ e da seção ‘Por uma BU Acessível’”, a figura tem, em cima e à esquerda, escrito em letras pretas e fundo branco “Florianópolis, 04 de setembro de 2019” Abaixo “Edição 119”. À direita o link “View this email in your browser”. Abaixo está o cabeçalho composto pelo título “Quais são as novas?” em preto sobre uma reprodução da marca da BU/UFSC, em azul e amarelo, em tamanho grande à esquerda. À direita, a marca é repetida 30 vezes em tamanho pequeno, formando um mosaico quadrado. Logo após, um retângulo na cor azul, onde se lê em branco o título da Seção “Por uma BU Acessível” seguido do texto “Tornar a BU acessível significa promover a acessibilidade em todos os ambientes e plataformas da biblioteca. Por isso a seção estreia com um pedido especial para toda a equipe da BU: ao encaminharem suas fotos para publicação no nosso boletim quais são as Novas façam uma descrição da imagem. Aqui vão algumas dicas de descrição de imagens a serem utilizadas em espaços alternativos sem a necessidade de um rigor técnico: Inicie com a hashtag #ParaTodosVerem. Em seguida, informe que tipo de imagem está descrevendo. Ex: É uma fotografia? Uma pintura? Uma charge? Um convite? A partir da imagem, responda as perguntas: o quê, quem, onde e como? E organize as respostas para que o texto e o entendimento fiquem claros. Você pode descrever as características físicas das pessoas, roupas, as cores, as ações, os objetos, as paisagens. Porém, evite julgamentos e opiniões, como por exemplo: escrever se a pessoa é feia, ou que a pintura está malfeita. Procure organizar a descrição da esquerda para direita e de cima para baixo, se perceber que esta dica não favorece o entendimento de determinada imagem, não use. O mais importante é que a explicação fique clara e o essencial da imagem não se perca. Contamos com a colaboração de todos Por uma BU Acessível!” Entre a figura e sua descrição está o texto: “Fonte: Boletim Quais são as Novas? (2019)”. [Fim da descrição].

Figura 3

Descrição da imagem presente no artigo “Por uma BU acessível [...]”

Fonte: Boletim *Quais são as Novas?* (2019).

Descrição da imagem: Início da descrição. Captura de tela da parte inicial do Boletim Quais são as Novas?. Em cima, à esquerda, escrito em letras pretas e fundo branco “Florianópolis, 04 de setembro de 2019” Abaixo “Edição 119”. À direita o link “View this email in your browser”. Abaixo está o cabeçalho composto pelo título “Quais são as novas?” em preto sobre uma reprodução da marca da BU/UFSC, em azul e amarelo, em tamanho grande à esquerda. À direita, a marca é repetida 30 vezes em tamanho pequeno, formando um mosaico quadrado. Logo após, um retângulo na cor azul, onde se lê em branco o título da Seção “Por uma BU Acessível” seguido do texto “Tornar a BU acessível significa promover a acessibilidade em todos os ambientes e plataformas da biblioteca. Por isso a seção estreia com um pedido especial para toda a equipe da BU: ao encaminharem suas fotos para publicação no nosso boletim Quais são as Novas façam uma descrição da imagem. Aqui vão algumas dicas de descrição de imagens a serem utilizadas em espaços alternativos sem a necessidade de um rigor técnico: Inicie com a hashtag #ParaTodosVerem. Em seguida, informe que tipo de imagem está descrevendo. Ex: É uma fotografia? Uma pintura? Uma charge? Um convite? A partir da imagem, responda as perguntas: o quê, quem, onde e como? E organize as respostas para que o texto e o entendimento fiquem claros. Você pode descrever as características físicas das pessoas, roupas, as cores, as ações, os objetos, as paisagens. Porém, evite julgamentos e opiniões, como por exemplo: escrever se a pessoa é feia, ou que a pintura está mal feita. Procure organizar a descrição da esquerda para direita e de cima para baixo, se perceber que esta dica não favorece o entendimento de determinada imagem, não use. O mais importante é que a explicação fique clara e o essencial da imagem não se perca. Contamos com a colaboração de todos Por uma BU Acessível!”. Fim da descrição.

Nota. Fonte: Pereira et al., (2020). [Descrição da imagem] Captura de tela da parte inicial do Boletim Quais são as Novas?. Em cima, à esquerda, escrito em letras pretas e fundo branco "Florianópolis, 04 de setembro de 2019" Abaixo "Edição 119". À direita o link "View this email in your browser". Abaixo está o cabeçalho composto pelo título "Quais são as novas?" em preto sobre uma reprodução da marca da BU/UFSC, em azul e amarelo, em tamanho grande à esquerda. À direita, a marca é repetida 30 vezes em tamanho pequeno, formando um mosaico quadrado. Logo após, um retângulo na cor azul, onde se lê em branco o título da Seção "Por uma BU Acessível" seguido do texto "Tornar a BU acessível significa promover a acessibilidade em todos os ambientes e plataformas da biblioteca. Por isso a seção estreia com um pedido especial para toda a equipe da BU: ao encaminharem suas fotos para publicação no nosso boletim "Quais são as Novas" façam uma descrição da imagem. Aqui vão algumas dicas de descrição de imagens a serem utilizadas em espaços alternativos sem a necessidade de um rigor técnico: Inicie com a hashtag #ParaTodosVerem. Em seguida, informe que tipo de imagem está descrevendo. Ex; é uma fotografia? Uma pintura? Uma charge? Um convite? A partir da imagem, responda as perguntas: o quê, quem, onde e como? E organize as respostas para que o texto e o entendimento fiquem claros. Você pode descrever as características físicas das pessoas, roupas, as cores, as ações, os objetos, as paisagens. Porém, evite

julgamentos e opiniões, como por exemplo: escrever se a pessoa é feia, ou que a pintura está mal-feita. Procure organizar a descrição da esquerda para direita e de cima para baixo, se perceber que esta dica não favorece o entendimento de determinada imagem, não use. O mais importante é que a explicação fique clara e o essencial da imagem não se perca. Contamos com a colaboração de todos Por uma BU Acessível!" *[Fim da descrição]*.

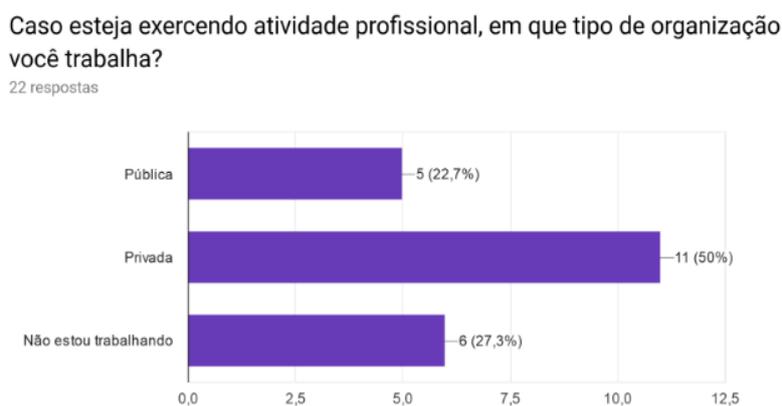
A descrição da imagem no artigo de Pereira et al. (2020) do Volume 16 da RBBB está em total conformidade com o quadro de recomendações apresentado. Ela abrange todos os elementos visuais essenciais, incluindo textos e gráficos, de maneira detalhada e clara. A descrição é concisa e completa, evitando repetições desnecessárias e identificando adequadamente cores e formatos. A organização e a precisão na pontuação e acentuação garantem uma compreensão clara e acessível, demonstrando um exemplo eficaz das melhores práticas de descrição de imagens para inclusão de pessoas com deficiência visual.

A amostra selecionada do Volume 17 foi um gráfico pertencente ao artigo intitulado “Evasão discente no ensino superior: diagnóstico e ações implementadas no curso de Biblioteconomia da UFC”, de autoria de Tabosa e Cavalcante (2021). Conforme o Quadro 2, a descrição associada ao gráfico selecionado não atende a todos os itens da lista de checagem, no que se refere às imagens complexas. Na Figura 4 apresentamos uma captura de tela do referido gráfico e a descrição a ele atribuída pelos autores do artigo.

Figura 4

Gráfico e sua respectiva descrição presentes no artigo “Evasão discente no ensino superior [...]”

Figura 3 – Organização em que trabalham os respondentes da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Descrição da imagem: Gráfico de barras paralelas horizontais na cor lilás. Apresentam-se três barras relativas às respostas do questionário, a saber: Pública – 5 (22,7%); Privada – 11 (50%) e Não estou trabalhando – 6 (27,3).

Nota. Fonte: Tabosa & Cavalcante (2020). *[Descrição da imagem]* Captura de tela da Figura 3, intitulada “Organização em que trabalham os respondentes da pesquisa”, presente no artigo de Tabosa e Cavalcante (2020), publicado no Volume 17 da RBBB. Ao centro, no alto da figura, está escrita a seguinte pergunta em letras pretas: “Caso esteja exercendo atividade profissional, em que tipo de organização você trabalha?” Abaixo, alinhado à esquerda em fonte de tamanho menor e na cor cinza, está o dado: “22 respostas”. Logo abaixo, centralizado, está um gráfico de barras paralelas horizontais na cor roxa. No eixo Y estão os indicativos de tipo de organização, a saber: “Pública”, “Privada” e “Não estou trabalhando”; no eixo X está o indicativo de quantidade de respostas, de 0 a 12,5, com intervalo de 2,5. A primeira barra, na parte superior, indica que 5 respondentes (22,7%) trabalham em organizações públicas. A segunda barra, no centro do gráfico, indica que 11 respondentes (50%) trabalham em organizações privadas. A terceira barra, na parte inferior do gráfico, indica que 6 respondentes (27,3%) não estão trabalhando. Abaixo do gráfico, está o texto: “Fonte: Dados da pesquisa (2020)”. Nas linhas seguintes consta a seguinte descrição da imagem, feita pelos autores do artigo em questão: “Descrição da imagem: Gráfico de barras paralelas horizontais na cor lilás. Apresentam-se três barras relativas às respostas do questionário, a saber: Pública - 5 (22,7%); Privada - 11 (50%) e Não estou trabalhando - 6 (27,3)”. *[Fim da descrição]*.

A descrição do gráfico não fornece informações essenciais suficientes para uma compreensão completa sem a visualização da imagem. Um aspecto crítico é a ausência de elementos específicos, como o texto presente no gráfico, que não foi adequadamente transcrito. A falta dessa descrição textual compromete a interpretação da informação, pois pode alterar ou até mesmo anular o sentido dos dados apresentados.

A amostra selecionada do Volume 18 foi uma figura inserida no artigo intitulado “Práticas inovadoras e tendências em bibliotecas universitárias: uma análise das bibliotecas da Universidade Tecnológica de Nanyang – Cingapura”, de Carvalho et al. (2022). Conforme o Quadro 2, a descrição associada à imagem selecionada não atende a todos os itens da lista de checagem. Na Figura 5 apresentamos uma captura de tela da imagem em questão contendo também a descrição a ela atribuída pelas autoras do artigo.

Figura 5

Imagem e sua respectiva descrição presentes no artigo “Práticas inovadoras e tendências [...]”

Figura 2 - Tendências relevantes para bibliotecas e bibliotecários elencadas pela ALA.



Fonte: Adaptada pelos autores de acordo com a ALA (c2022)⁶.

Descrição da imagem: Figura com as tendências inteligência artificial, *blockchain*, *big data*, drones, reconhecimento facial, tecnologias sensoriais, *internet* das coisas, robôs, carros autônomos, espaços de fuga digital, realidade virtual, controle por voz, emblemas digitais, aprendizagem conectada, *design thinking*, salas de aula invertida, gamificação e estratégias de resiliência, em letras minúsculas, na cor branca, em círculos nas cores azul claro, azul escuro e verde. Logo abaixo dos círculos, encontra-se a legenda da figura com as palavras tecnologia, educação e meio ambiente, em letras minúsculas, na cor branca, em retângulos nas cores azul claro, azul escuro e verde.

Nota. Fonte: Carvalho et. al. (2022). [Descrição da imagem] Captura de tela da Figura 2, intitulada “Tendências relevantes para bibliotecas e bibliotecários elencadas pela ALA”, presente no artigo de Carvalho, Brito e Veira (2022), publicado no Volume 18 da RBBB. A Figura é composta por 18 círculos dispostos lado a lado, em três linhas e seis colunas. Cada um dos seis círculos da primeira linha, todos na cor azul claro, tem dentro de si um termo que representa uma tendência, escrito em letras brancas, nessa ordem: inteligência artificial; blockchain; Big Data; drones; reconhecimento facial; tecnologias sensoriais. Cada um dos seis círculos da segunda linha, todos na cor azul claro, tem dentro de si um termo que representa uma tendência, escrito em letras brancas, nessa ordem: *internet* das coisas; robôs; carros autônomos; espaços de fuga digital; realidade virtual; controle por voz. Na terceira linha, os cinco primeiros círculos são na cor azul marinho e cada um traz dentro de si um termo que representa uma tendência, escrito em letras brancas, nessa ordem: emblemas digitais; aprendizagem conectada, *design thinking*; salas de aula invertida e gamificação. O último círculo da terceira linha é na cor verde e tem, dentro de si, em letras brancas, o termo estratégia de resiliência. Abaixo dos círculos, está a legenda composta por retângulos nas cores azul claro, azul marinho e verde, dentro dos quais estão as palavras tecnologia, educação

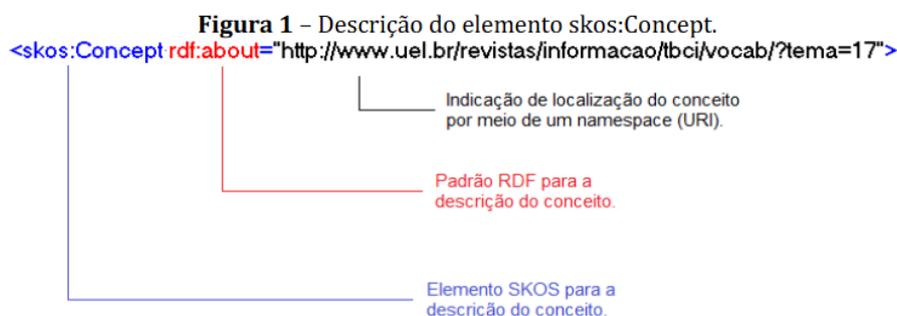
e meio ambiente, respectivamente. Abaixo da figura, está o texto: “Fonte: Adaptada pelos autores de acordo com a ALA (c2022)”. Nas linhas seguintes consta a seguinte descrição da imagem, feita pelos autores do artigo em questão: “Descrição da imagem: Figura com as tendências inteligência artificial, blockchain, big data, drones, reconhecimento facial, tecnologias sensoriais, *internet* das coisas, robôs, carros autônomos, espaços de fuga digital, realidade virtual, controle por voz, emblemas digitais, aprendizagem conectada, *design thinking*, salas de aula invertida, gamificação e estratégias de resiliência, em letras minúsculas, na cor branca, em círculos nas cores azul claro, azul escuro e verde. Logo abaixo dos círculos, encontra-se a legenda da figura com as palavras tecnologia, educação e meio ambiente, em letras minúsculas, na cor branca, em retângulos nas cores azul claro, azul escuro e verde.” [Fim da descrição].

Embora a descrição da imagem atenda a muitos dos critérios estabelecidos, ela não abrange informações essenciais para uma compreensão completa. Em particular, a descrição falha em fornecer detalhes sobre as cores utilizadas, um elemento crucial para a interpretação das tendências representadas na imagem. A ausência dessa informação, combinada com a omissão da identificação de elementos específicos, uma descrição inadequada e a falta de clareza, compromete a compreensão total da imagem. No contexto específico desta imagem, a inclusão da descrição das cores e sua relação com a legenda é fundamental para uma interpretação precisa. Este caso evidencia a importância do critério de descrição das cores, especialmente quando elas são utilizadas para distinguir ou demarcar elementos visuais.

A amostra selecionada do Volume 19 foi uma imagem presente no artigo “Representação em SKOS da categoria ‘Organização do Conhecimento e Recuperação da Informação’ do Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação”, de autoria de Silveira e Ramalho (2023). Conforme o Quadro 2, a descrição associada à imagem selecionada não atende a todos os itens da lista de checagem. Na Figura 6 apresentamos uma captura de tela da imagem em questão contendo também a descrição a ela atribuída pelos autores do artigo.

Figura 6

Imagem e sua respectiva descrição presentes no artigo “Representação em SKOS da categoria [...]”



Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Descrição da imagem: Representação gráfica em SKOS do elemento skos:Concept, nas cores azul, vermelho e preto.

Nota. Fonte: Silveira & Ramalho (2023). [Descrição da imagem] Captura de tela da Figura 1, intitulada “Descrição do elemento skos:Concept”, presente no artigo de Silveira e Ramalho (2023), publicado no Volume 19 da RBBB. A imagem exemplifica a representação gráfica da descrição de um conceito feita por meio do modelo de dados Simple Knowledge Organization System (SKOS). Na parte superior, centralizado, está o código: <skos:Concept rdf:about='http://www.uel.br/revistas/informacao/tbci/vocab/?tema=17'>. Saindo da última parte do código (http://www.uel.br/revistas/informacao/tbci/vocab/?tema=17), grafada em letras pretas, há uma linha preta que aponta para o texto de mesma cor “Indicação de localização do conceito por meio de um namespace (URI)”. Da segunda parte do código (rdf:about), grafada em letras vermelhas, sai uma linha vermelha que aponta para o texto de mesma cor “Padrão RDF para a descrição do conceito”. Da primeira parte do código (skos:Concept), grafada em azul, sai uma linha azul que aponta para o texto de mesma cor “Elemento SKOS para a descrição do conceito”. Abaixo da representação, está o texto: “Fonte: Elaborado pelos autores (2021)”. Nas linhas seguintes consta a seguinte descrição da imagem, feita pelos autores do artigo em questão: “Descrição da imagem: Representação gráfica em SKOS do elemento skos:Concept, nas cores azul, vermelho”. [Fim da descrição].

A descrição fornecida omite várias informações essenciais presentes na imagem, como o texto que não é legível para leitores de tela, e os traços distintivos que conectam diferentes partes da informação. A análise revela que

elementos visuais cruciais, como a disposição dos textos e os traços que vinculam informações, bem como a localização de cada item, não foram adequadamente descritos. A descrição, embora sucinta, carece de abrangência, o que pode levar a uma compreensão inadequada dos elementos por parte de leitores com deficiência visual. A maior parte do texto na imagem não foi transcrita, e os traços usados para conectar os textos não foram descritos. A falta de detalhamento impede que a descrição seja eficaz, uma vez que não reflete fielmente a imagem, abrindo espaço para ambiguidades. A ausência de informações contextuais também limita a compreensão global da imagem, evidenciando uma falta de abrangência na descrição.

A análise das descrições de imagens revela um panorama complexo em relação à acessibilidade e à inclusão no contexto da produção e disseminação de conhecimento científico. A descrição fornecida no artigo de Pereira et al. (2020), embora esteja em conformidade com muitos critérios de acessibilidade, destaca a importância e os desafios associados à descrição de imagens em periódicos científicos. Esta descrição é exemplar no que diz respeito à cobertura detalhada de elementos visuais, como textos e gráficos, e demonstra a eficácia de seguir diretrizes precisas, proporcionando uma compreensão clara e acessível para leitores com deficiência visual.

No entanto, a análise também evidencia lacunas significativas na descrição de outras imagens analisadas. Em destaque, a omissão de informações essenciais, como o texto presente nas imagens e os traços distintivos que conectam diferentes partes da informação. A ausência de detalhes como a descrição das cores e a identificação de elementos específicos compromete a compreensão completa da imagem. A falta de uma descrição abrangente e clara, combinada com a ausência de informações contextuais e textuais, resulta em uma interpretação parcial ou ambígua, evidenciando uma lacuna na implementação eficaz das melhores práticas de acessibilidade.

Este cenário reflete um desafio recorrente na produção e difusão do conhecimento científico: a falta de uma cultura consolidada para a descrição adequada de imagens. Muitos autores e periódicos ainda não incorporaram plenamente as diretrizes de acessibilidade, o que limita a inclusão de leitores com deficiência visual. No entanto, esta situação também representa uma oportunidade significativa para a promoção de uma maior inclusão. Ao adotar práticas robustas e uniformes na descrição de imagens, os periódicos científicos podem garantir que o acesso ao conhecimento seja verdadeiramente inclusivo e equitativo. A implementação de diretrizes claras e específicas para a descrição de imagens não só melhora a acessibilidade, mas também promove a integração de diferentes perspectivas, enriquecendo a disseminação do conhecimento científico. A crescente conscientização sobre a importância dessas práticas é crucial para avançar em direção a uma ciência mais acessível e inclusiva.

5 Discussões

Os achados desta pesquisa evidenciam a fragilidade das práticas editoriais no que diz respeito à acessibilidade comunicacional nos periódicos da área de BCI. Embora um dos periódicos analisados – a RBBB – incluía a recomendação para descrição de imagens em seu *template*, a ausência de diretrizes específicas e a baixa adesão prática por parte dos autores indicam que essa recomendação ainda não se consolidou como uma exigência editorial. Esse cenário reforça o que já vem sendo apontado por estudos anteriores: a acessibilidade, especialmente para pessoas com deficiência visual, ainda é frequentemente negligenciada na comunicação científica. A literatura destaca que a simples presença de recursos visuais sem alternativas textuais adequadas configura uma barreira informacional, impedindo o acesso pleno ao conteúdo por parte desse público.

Ao analisarmos os dados da RBBB, observamos que, mesmo com a recomendação presente no *template*, apenas 13% dos artigos publicados nos volumes analisados possuíam imagens com descrições textuais associadas. Essa baixa adesão revela não apenas a falta de exigência editorial, mas também uma possível lacuna na sensibilização e formação dos autores sobre a importância desse recurso. Além disso, as análises qualitativas realizadas demonstram que, nos poucos casos em que a descrição está presente, sua qualidade é bastante variável. A maior parte das descrições apresenta falhas quanto à clareza, abrangência, detalhamento ou contextualização – aspectos fundamentais para que a descrição cumpra sua função de tornar o conteúdo acessível.

Comparando esses achados com a literatura técnica e normativa (IFRS, 2020; W3C, 2022; ABNT, 2016), observa-se um desalinhamento entre as práticas editoriais e as recomendações consolidadas sobre acessibilidade. Enquanto há normas e orientações disponíveis sobre como descrever imagens de maneira acessível, elas ainda não estão incorporadas formalmente no fluxo editorial da maior parte dos periódicos científicos do extrato analisado, tampouco nos processos formativos dos autores. A recente publicação da NBR 17225/2025 que trata dos requisitos para a acessibilidade em conteúdo e aplicações web, reforça a urgência de atualização das políticas editoriais e da conscientização de todos os atores envolvidos na produção e disseminação científica, pois

estabelece requisitos técnicos e diretrizes baseadas nas WCAG 2.2, com o objetivo de eliminar ou mitigar barreiras de acesso em ambientes web, promovendo experiências digitais mais seguras, autônomas e inclusivas (ABNT, 2025). A norma inclui exigências como audiodescrição, legendas descritivas e alternativas em texto para vídeos e áudios, promovendo a acessibilidade comunicacional a usuários surdos ou cegos (ABNT, 2025). Trata-se de uma oportunidade relevante para que os periódicos incorporem essas normativas em seus fluxos editoriais e contribuam efetivamente para uma comunicação científica inclusiva. Portanto, os resultados desta pesquisa não apenas evidenciam um problema prático, mas também apontam caminhos para sua superação, destacando a importância de diretrizes claras, formação continuada dos agentes editoriais e o compromisso institucional com os princípios do *Design Universal* e da inclusão.

6 Conclusões

Este estudo teve como objetivo identificar e avaliar a adoção da descrição de imagens nos periódicos científicos brasileiros da área BCI, classificados como A no Qualis Capes 2017-2020, e realizar uma análise nas descrições encontradas. Inicialmente, foi constatado que apenas a Revista RBBB adota a descrição de imagens entre os periódicos analisados. Essa descoberta destaca uma lacuna na prática de descrição de imagens, sugerindo uma necessidade urgente de promover essa prática de maneira mais ampla entre as publicações científicas da área. A análise das diretrizes da RBBB revelou que, embora existam recomendações para a descrição de imagens, elas não abrangem todas as tipologias de imagens, como gráficos e outros elementos visuais complexos. A recomendação para a descrição de imagem não está presente nas diretrizes para autores, apenas no *template*, o que passa a percepção de que a descrição de imagens é uma prática opcional, em vez de uma exigência fundamental para a submissão de artigos. Os resultados reforçam a necessidade de políticas editoriais inclusivas, que considerem não apenas a qualidade do conteúdo científico, mas também sua disponibilização a diferentes públicos. A implementação de práticas acessíveis, como a descrição textual de imagens, é essencial para garantir equidade no acesso à informação científica.

Além disso, o quadro desenvolvido pelas autoras, fundamentado nas diretrizes do IFRS (2020) e nos dados da pesquisa, evidencia que a aplicação prática está aquém do ideal. A ausência de descrições completas e detalhadas de elementos visuais essenciais, como textos e traços distintivos, limita a compreensão plena das imagens, prejudicando a acessibilidade para leitores com deficiência visual. A comparação entre as práticas observadas e as recomendações teóricas sublinha a necessidade de estabelecer diretrizes mais rigorosas e uniformes para a descrição de imagens. A falta de um padrão claro e de uma obrigatoriedade explícita nas orientações para autores reforça a urgência de integrar essas práticas de forma obrigatória e estruturada nos periódicos científicos.

Em conclusão, a adoção de diretrizes claras e específicas para a descrição de imagens é crucial para garantir que a acessibilidade ao conhecimento científico seja universal e inclusiva. Promover a padronização e a implementação efetiva dessas diretrizes não só melhorará a qualidade das descrições de imagens, mas também assegurará que todos os leitores, independentemente de suas habilidades visuais, tenham acesso equitativo à informação científica. Além disso, destaca-se a importância de novas investigações que ampliem essa abordagem, incluindo estudos sobre a acessibilidade em outros tipos de publicações científicas (livros, anais de eventos e periódicos de outras áreas), a avaliação do impacto da adoção de descrições de imagens na experiência de leitura de pessoas com deficiência visual e a análise comparativa entre periódicos nacionais e internacionais quanto à aplicação de diretrizes de acessibilidade. A promoção da acessibilidade na comunicação científica deve ser compreendida não como um aspecto complementar, mas como um princípio essencial da ciência aberta, democrática e inclusiva.

Referências

- Associação Brasileira de Normas Técnicas. (2016). *ABNT NBR 16452: Acessibilidade na comunicação: Audiodescrição*. ABNT. <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/ABNT%20-%20Acessibilidade.pdf>
- Associação Brasileira de Normas Técnicas. (2018). *ABNT NBR 6022: Informação e documentação: Artigo em publicação periódica científica impressa: Apresentação*. ABNT.
- Associação Brasileira de Normas Técnicas. (2025). *ABNT NBR 17225: Acessibilidade em conteúdo e aplicações web: Requisitos*. ABNT.
- Assunção, S. M. (2023). *Acessibilidade às pessoas com deficiência visual em áreas protegidas no Brasil*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/247667/PGCN0797-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Bersch, R. (2017). *Introdução à Tecnologia Assistiva*. Assistiva. https://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf
- Brasil. (2015). *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)*. Diário Oficial da União, 1. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm
- Capes. (2023). Plataforma Sucupira: Documento técnico do Qualis periódicos. <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/avaliacao-quadrinial/metodologia-do-qualis-referencia-quadrinio-2017-2020>
- Carvalho, E. B., Brito, J. L., & Vieira, D. V. (2022). Práticas inovadoras e tendências em bibliotecas universitárias: Uma análise das bibliotecas da Universidade Tecnológica de Nanyang - Cingapura. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 18, 1-23. <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1786>
- Corrêa, A. C. B. (2021). *Imagem invisível: Estudo sobre a imagem, acessibilidade e inteligência artificial*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/50078>
- Feitosa, L. S. R., & Righi, R. (2016). Acessibilidade arquitetônica e desenho universal no mundo e Brasil. *Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades*, 4(28). <https://doi.org/10.17271/2318847242820161371>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua: Divulgação dos resultados gerais*. IBGE. https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_media/ibge/arquivos/0a9afaed04d79830f73a16136dba23b9.pdf
- Instituto Federal do Rio Grande do Sul. (2020). Centro Tecnológico de Acessibilidade. Boas práticas para descrição de imagens. <https://cta.ifrs.edu.br/boas-praticas-para-descricao-de-imagens/>
- Leme, M. E. S. (2003). *A representação da realidade em pessoas cegas desde o nascimento*. [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório Unicamp. <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252901>
- Motta, L. M. V., & Romeu, P. F. (Orgs.). (2010). *Audiodescrição: Transformando imagens em palavras*. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo. https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/planejamento/prodam/arquivos/Livro_Audiodescricao.pdf
- Nascimento, L. F. (2017). *A audiodescrição como tecnologia em livro didático: Um guia de orientação aos professores da educação básica*. [Dissertação de mestrado profissional, Universidade Federal Fluminense]. Portal EduCAPES. <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/207042>

- Oliveira, C. M., Nuernberg, A. H., & Nunes, C. H. S. S. (2013). Desenho universal e avaliação psicológica na perspectiva dos direitos humanos. *Avaliação Psicológica*, 12(3), 421-428. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712013000300017
- Organização Mundial da Saúde. (2011). *Relatório mundial sobre deficiências*. https://www.who.int/disabilities/world_report/2011/en/
- Pereira, C. A. et al. (2020). Por uma BU acessível: Experiências para implementação da acessibilidade em uma biblioteca universitária. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 16, 1-22. <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1446>
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. (2a ed.). Universidade Feevale. <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>
- Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. (2021). *Template RBBB*. https://docs.google.com/document/d/1jFaPKAR_71IL5J3kdYFPDRHOWae6HI2AjeqBZc_SFR4/edit
- Ribeiro, E. N. (2011). *A imagem na relação de expressão com o texto escrito: contribuições da áudio-descrição para a aprendizagem de educandos surdos*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco].
- Rocha, J. A. P. (2021). Acessibilidade digital para pessoas com deficiência nos acervos digitais produzidos durante a pandemia causada pela COVID-19. *Revista Brasileira em Humanidades Digitais*, 1(2). <http://abhd.org.br/ojs2/ojs-3.3.0-9/index.php/rbhd/article/view/59>
- Rodrigues, R. S., Quartiero, E., & Neubert, P. (2015). Periódicos científicos brasileiros indexados na Web of Science e Scopus: Estrutura editorial e elementos básicos. *Informação & Sociedade: Estudos*, 25(2), 117-138. <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/117>
- Rosa, F. G. M. G., & Barros, S. (2018). *Comunicação científica: Reflexões preliminares para o GT "Relevância dos livros acadêmicos na comunicação da pesquisa"*. [Conferência SciELO 20 Anos]. SciELO, São Paulo. https://www.scielo20.org/redesciolo/wp-content/uploads/sites/2/2018/07/ROSA-F_-BARROSS_-Comunicacao-Cientifica.pdf
- Sasaki, R. K. (2009). Inclusão: Acessibilidade no lazer, trabalho e educação. *Revista Nacional de Reabilitação (Reação)*, 12, 10-16. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/55508>
- Silva, C. C. M., Turatto, J., & Machado, L. H. (2005). Os deficientes visuais e o acesso à informação. *Revista ACB*, 7(1), 9-19. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/368>
- Silva, R. L., & Rue, L. A. (2015). A acessibilidade nos sites do Poder Executivo estadual à luz dos direitos fundamentais das pessoas com deficiência. *Revista de Administração Pública*, 49(2), 315-336. <https://doi.org/10.1590/0034-7612130130>
- Silveira, R. C., & Ramalho, R. A. S. (2023). Representação em SKOS da categoria "Organização do Conhecimento e Recuperação da Informação" do Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 19, 1-22. <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1892>
- Tabosa, H. R., & Cavalcante, L. E. (2021). Evasão discente no ensino superior: Diagnóstico e ações implementadas no curso de Biblioteconomia da UFC. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 17, 1-21. <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1432>
- Targino, M. D. G. (2007). O óbvio da informação científica: Acesso e uso. *TransInformação*, 19(2), 95-105. <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/115894>
- Vergara-Nunes, E. (2016). *Audiodescrição didática*. [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina. Repositório Institucional UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/167796>
- W3C Web Accessibility Initiative (WAI). (2022). *Complex images*. <https://www.w3.org/WAI/tutorials/images/complex/>

Dados de publicação

Jaqueline Angela Casaes e Silva

Bacharela em Biblioteconomia.

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Bibliotecária especializada em Gestão da Informação em Organizações, com experiência no tratamento da informação, organização e gestão do conhecimento em empresas de bens e serviços. Mestranda em Biblioteconomia pela UNIRIO. Atuo na organização de bases de dados, elaboração de resumos, inventários e preservação de acervos. Minha pesquisa é voltada para audiodescrição e acessibilidade, com foco em inclusão digital e informacional.

jaquelineangela@edu.unirio.br

<https://orcid.org/0009-0006-7670-0785>

Janicy Aparecida Pereira Rocha

Doutora em Ciência da Informação

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Processos Técnico-Documentais.

Professora adjunta do Departamento de Processos Técnico-Documentais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Doutora e mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bacharela em Sistemas de Informação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Gestora do “Repositório TASSIA - Tecnologia Assistiva e de Apoio”, produto de projetos de pesquisa e de extensão que coordena. Integrante do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UNIRIO. Líder do grupo de pesquisa: “Observatório de Tendências: Interoperabilidade e Metadados para Organização do Conhecimento”. Coordenadora do projeto de pesquisa: “Políticas, práticas e ações de (in)acessibilidade à produção técnico-científica brasileira em formato digital”.

janicy.rocha@unirio.br

<https://orcid.org/0000-0001-9279-8010>

Originalidade

Declaro que o texto é original e não está sendo revisado por nenhuma outra publicação. Caso eu decida cancelar o processo de publicação, concordo em informar imediatamente a equipe editorial da Revista Biblios para que o envio possa ser arquivado.

Pré-impressões

Não aplicável.

Informações sobre o trabalho

Artigo derivado do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Além das palavras: uma análise sobre a descrição de imagens nos periódicos brasileiros de Biblioteconomia e Ciência da Informação”, de autoria de Jaqueline Ângela Casaes e Silva, orientado por Janicy Aparecida Pereira Rocha, defendido no Curso de Bacharelado em Biblioteconomia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) em 7 de dezembro de 2023.

Agradecimentos

Não se aplica.

Contribuição dos autores

Concepção e preparação do manuscrito: JAC Silva, JAP Rocha.

Coleta de dados: JAC Silva, JAP Rocha.

Discussão dos resultados: JAC Silva, JAP Rocha.

Revisão e aprovação: JAC Silva, JAP Rocha.

Uso de inteligência artificial

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Permissão para usar imagens

Não se aplica.

Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Disponibilidade de dados e conjunto dos dados

A pesquisa não possui dados. O artigo não contém dados coletados ou obtidos por meio de análises a partir de fontes primárias.

Licença de uso

Os autores concedem à Biblios direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob uma Licença *Creative Commons Atribuição (CC BY) 4.0 Internacional*. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e desenvolvam o trabalho publicado, dando os devidos créditos pela autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores estão autorizados a firmar acordos adicionais separados para distribuição não exclusiva da versão publicada do trabalho no periódico (por exemplo, publicação em um repositório institucional, em um site pessoal, publicação de uma tradução ou como um capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Editor

Publicado pelo Sistema de Bibliotecas Universitárias da Universidade de Pittsburgh. Responsabilidade compartilhada com universidades parceiras. As ideias expressas neste artigo são dos autores e não representam necessariamente as opiniões dos editores ou da universidade.

Editores

Lucia da Silveira e Fabiano Couto Corrêa da Silva

Histórico

Recebido: 1-08-2024 – Aprovado: 21-03-2025 – Publicado: 14-04-2025



The articles in this journal are licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 United States License.



This journal is published by [Pitt Open Library Publishing](http://pittopenlibrarypublishing.com).